

Relação entre apego, amamentação e cultura: revisão de literatura¹²

Taylanne Bento Oliveira

Bacharel em Fonoaudiologia
Universidade de Brasília, Brasil.
Correio electrónico: taylanne.oliveira@gmail.com

Corina Elizabeth Satler

Doutora em Ciências da Saúde
Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília, Brasil.
Correio electrónico: satler@unb.br

Recibido: 21/04/2021
Evaluado: 24/06/2021
Aceptado: 23/08/2021

Resumo

O relacionamento entre mãe e bebê envolve diversos aspectos ligados ao psicológico, físico, biológico e cultural. O presente estudo tem como objetivo investigar a associação entre apego, amamentação e cultura. Foi realizada uma pesquisa nas bases de dados PubMed, Scielo, BIREME, PsylInfo e Web of Science, com as palavras-chaves em inglês, publicados entre 2009 a 2021. Foram encontrados 121 estudos e, após os critérios de inclusão e exclusão, 5 estudos foram selecionados. Os dados descritos sugerem uma relação entre esses três fatores. No entanto, são necessários mais estudos sobre a relação entre apego e amamentação e cultura para uma conclusão exata.

Palavras-Chave

Aleitamento Materno, Relações mãe-filho, Afeto, Saúde da Criança, Cultura.

12 Para citar este artículo: Oliveira, T. & Satler, C. (2022). Relação entre apego, amamentação e cultura: revisão de literatura. *Informes Psicológicos*, 22(2), pp. 205-218 <http://dx.doi.org/10.18566/infpsic.v22n2a12>

Relación entre apego, lactancia materna y cultura: revisión de la literatura

Resumen

La relación entre la madre y el bebé involucra varios aspectos relacionados con lo psicológico, lo físico, lo biológico y lo cultural. El presente estudio tiene como objetivo investigar la asociación entre el apego, la lactancia materna y la cultura. Se realizó una búsqueda en las bases de datos PubMed, Scielo, BIREME, PsylInfo y Web of Science, con las Palabras clave en inglés, publicadas entre 2009 y 2021. Se encontraron 121 estudios y, luego de aplicar los criterios de inclusión y exclusión, se seleccionaron 5 estudios. Los datos descritos sugieren una relación entre estos tres factores. Sin embargo, se necesitan más estudios sobre la relación entre el apego, la lactancia materna y la cultura para una conclusión precisa.

Palabras clave

Lactancia materna, relaciones madre-hijo, afecto, salud del niño, cultura.

Relationship between attachment, breastfeeding and culture: a literature review

Abstract

The relationship between mother and baby involves several elements related to psychological, physical, biological and cultural aspects. The present study aims to investigate the association between attachment, breastfeeding and culture. A search was carried out in the PubMed, Scielo, BIREME, PsylInfo and Web of Science databases, with the Keywords in English, published between 2009 and 2021. 121 studies were found, and, after the inclusion and exclusion criteria, 5 studies were selected. The data described suggest a relationship between these three factors. However, more studies on the relationship between attachment, breastfeeding and culture are needed for an accurate conclusion.

Keywords

Breastfeeding, mother-child relationships, affection, child health, culture.

Introdução

A construção do vínculo afetivo entre mãe e bebê começa ainda na gestação. Salienta-se que durante o período fetal o bebê, em constante desenvolvimento embrionário, apresenta capacidades sensoriais, com isso pode vivenciar experiências intrauterinas e responder a estímulos externos (Schmidt & Argimon, 2007). Por outro lado, durante a gestação a mãe enfrenta sentimentos ambíguos que permitem a criação de representações imaginárias e expectativas sobre o bebê em decorrência das sensações experimentadas através da barriga (Hitos & Periotto, 2009), isso pode representar o prelúdio da relação mãe-bebê que continuará após o nascimento (Piccinini, Gomes, Moreira & Lopes, 2004).

Sabe-se que amamentar é um ato natural complexo, no qual estão envolvidos vários fatores biológicos, emocionais e afetivos. A amamentação fornece benefícios nutricionais e imunológicos ao bebê, sendo preconizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida e com complemento até os dois anos de vida. Além disso, é com o ato de amamentar que vão surgindo os primeiros contatos entre o bebê e o seu cuidador, por meio do toque, do cheiro, do calor corporal e do contato visual. A essência desse contato íntimo é que vai fortalecer o vínculo iniciado durante a gestação e atuar na promoção do apego (Nelas, Ferreira & Duarte, 2008; Hitos & Periotto, 2009).

Nessa perspectiva encontra-se o apego, ou como denominou Bowlby, teoria do apego cuja definição é a capacidade inata dos seres humanos de formar laços afetivos com pessoas significativas (Bowlby, 2015). Essa capacidade inata já estaria presente no embrião e persiste após o nascimento e continuaria na vida adulta. Por outro lado, o apego é o relacionamento mais antigo que se estabelece com o cuidador mais próximo e permite aprender a regular o sistema emocional. Isto é, a criança vai estruturar o apego com base em suas interações com os pais, e na forma como eles respondem às suas necessidades (Álvarez, Hidalgo, Moran & Reyes, 2019; Schmidt & Argimon, 2007).

Quanto aos padrões de apego, foi Mary Ainsworth quem desenvolveu o método experimental denominado “Situação estranha”, no qual foi capaz de observar as reações da criança na interação com seu cuidador em uma situação de separação e classificar os tipos de apego em: padrão seguro, padrão ambivalente ou resistente e padrão evitativo. No apego seguro existe uma base segura, na qual a criança explora ativamente o ambiente em presença do cuidador primário, fica ansiosa na presença de um estranho e o evita, fica incomodada com as breves ausências de seu cuidador, ela busca seu contato quando ele retorna e mostra confiança em obter cuidado e proteção das figuras de apego, que agem com responsividade. No apego resistente ou ambivalente, a criança apresenta comportamento imaturo para sua idade e pouco interesse em explorar o ambiente, voltando sua atenção aos cuidadores de maneira preocupada. Após a

separação, apresenta muito incomodo com a ausência do cuidador e ao seu retorno, ela não se aproxima facilmente e alterna seu comportamento entre a procura por contato e a brabeza. O apego evitativo é caracterizado por um comportamento de pouca interação da criança com os cuidadores, mas chega a se engajar em brincadeiras com pessoas desconhecidas. Após a separação, não procuram a proximidade com o cuidador para obter conforto. Posteriormente, foi postulado um quarto padrão de apego categorizado como de padrão desorganizado ou desorientado para descrever crianças que tiveram experiências negativas ao longo do desenvolvimento. É associado a fatores de risco e aos maus-tratos (Álvarez et al., 2019; Dalbem & Dell’Aglío, 2005).

Cabe considerar também que toda criação, formação e promoção de laços afetivos se enquadra dentro das especificidades de cada cultura. A definição de cultura em si, assume múltiplas acepções que vão desde as manifestações artísticas até os costumes e hábitos de um povo. Mais, segundo a Antropologia Simbólica a cultura é um sistema entrelaçado de símbolos que podem ser modificados e expressos na interação social (Boehs et al., 2007). Do mesmo modo, os atores envolvidos na interação social se comunicam e compartilham experiências entre si e com o ambiente modificando, assim, os significados atribuídos a determinados símbolos (Boehs et al., 2007). Assim, ao longo da vida cada sujeito passa por um processo de aprendizagem e interiorização de valores e crenças culturalmente vigentes em sua sociedade, transmitidos pelas interações sociais e práticas institucionais (Langdon & Wiik, 2010).

Portanto o objetivo do presente estudo foi examinar as correspondências entre o apego e a amamentação, fomentadas dentro de uma cultura a partir de dados da literatura.

Metodologia

Para a realização deste estudo foi utilizado o método de revisão de literatura, o qual consistiu em um desenho de pesquisa observacional e retrospectivo. A pesquisa teve como pergunta norteadora: “Qual a relação existente entre o apego e a amamentação e o contexto da cultura?”

O processo de coleta de dados foi realizado nas bases de dados National Library of Medicine (PubMed), Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME), Scientific Electronic Library Online (SciELO), American Psychological Association (PsycINFO) e Web of Science e foram utilizados os descritores “attachment”, “breastfeeding” em combinação com “culture” por meio do operador booleano AND.

A seleção dos artigos a serem revisados neste trabalho foi feita levando em consideração os seguintes critérios de inclusão: (1) artigos empíricos publicados entre 2009 até 2021, nos idiomas inglês, português ou espanhol; (2) estudos que associaram os aspectos relacionados ao tema da pesquisa. Foram excluídos estudos que não

apresentassem como tema de investigação ligação com o objetivo deste estudo, revisões de literatura, capítulos de livros, anais de eventos científicos, estudos teóricos e trabalhos acadêmicos.

A estratégia de pesquisa para a seleção de artigos incluídos na revisão contemplou duas etapas. Inicialmente a seleção dos artigos ocorreu mediante a leitura do título e resumo de cada um dos registros da pesquisa. E, na etapa seguinte, com os artigos que atenderam aos critérios da primeira etapa, foi realizada uma nova verificação dos critérios de inclusão, revisando o texto em seu formato completo.

Resultados

Foram encontrados 121 artigos (68 no PubMed, 29 no BIREME, 09 no PsycINFO, 15 no Web of science). Não foram encontradas pesquisas na base SciELO. Dos 121 artigos, 35 foram excluídos por se apresentarem duplicados. Após a leitura do título e resumo, foram excluídos 109 artigos pois não atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. Doze artigos foram selecionados para a leitura integral, desses 07 artigos foram excluídos por não atenderem ao objetivo do estudo. As etapas de seleção e o número de artigos selecionados em cada etapa são apresentados na Figura 01.

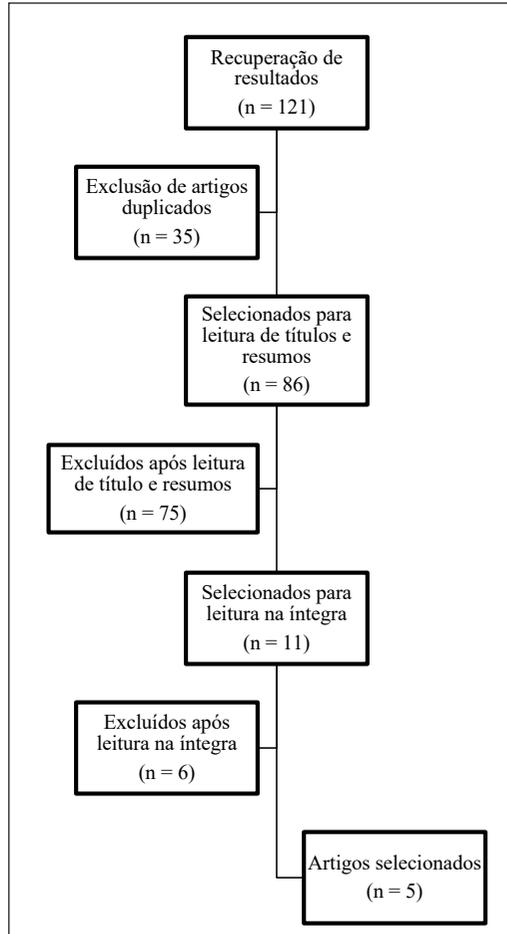


Figura 1. Etapas de seleção dos artigos e quantidades de artigos selecionados.

No total foram selecionados 5 artigos, a caracterização e componentes de cada artigo serão apresentados na Tabela 1.

Com relação ao ano de publicação dos artigos, verifica-se maior número de publicações no ano de 2017 (40%). Os anos 2011, 2012 e 2021, apresentam a soma total de 60% (20% cada). Sobre o país de publicação, houve prevalência de publicações nos países ocidentais (Estados Unidos, Reino Unido e Austrália), que corresponderam a 60% (3 estudos) e os considerados orientais (Uganda e

África do Sul) corresponderam a 40% (2 estudos).

Ao se analisar os objetivos dos estudos selecionados, nota-se a busca por compreender, em sua maioria, as nuances da amamentação, isto é, relacionadas aos conhecimentos, práticas, técnicas, crenças, experiências, expectativas, discursos, facilitadores e barreiras. Cabe ressaltar que um artigo de Rossen et al. (2017), teve como investigação o vínculo materno durante e após a gravidez. Assim, no que se refere a população pesquisada, verifica-se que a investigação contemplava um público culturalmente abrangente, envolvendo em sua maioria mães que estavam amamentando ou planejavam amamentar.

Quanto ao tipo de pesquisa, especificamente quanto à abordagem, observou-se que todos os estudos selecionados eram pesquisas qualitativas, sendo dois estudos longitudinais (Jama et al., 2017; Rossen et al., 2017).

Sobre a seleção de instrumentos, observou-se uma predileção por entrevistas

e questionários, em um total de três artigos (Huang, Atlas & Parece, 2012; Jama et al., 2017; Rossen et al., 2017), e, em dois estudos (Byaruhanga et al., 2011; Cook et al., 2021) foram utilizadas entrevistas junto à técnica do Grupo Focal.

Em relação à amostra, dois estudos (Jama et al., 2017; Rossen et al., 2017) incluíram na avaliação gestantes adolescentes, HIV positivas e de clínicas especializadas e álcool e drogas. Um estudo (Huang et al., 2012) investigou mulheres grávidas no contexto prisional. E um estudo (Byaruhanga et al., 2011) avaliou mães, cuidadores e familiares.

Quanto às características sociodemográficas e as condições de saúde, um estudo (Jama et al., 2017) comparou mulheres residentes em duas regiões, rural e urbana, sendo que a área rural é caracterizada por altas taxas de analfabetismo, pobreza e falta de acesso a serviços de saúde. Dois estudos (Byaruhanga et al., 2011; Cook et al., 2021) avaliaram mães residentes em comunidades vulneráveis e carentes que apresentam os piores indicadores de saúde.

Tabela 1
Caracterização dos artigos selecionados.

Autor (es)/ Ano	País	Título	Objetivos	Tipo de estudo	Instrumentos	Amostra	Características So- ciodemográficas da amostra estudada
Byaruhanga et al. (2011)	Uganda	Hurdles and opportunities for newborn care in rural Uganda.	Explorar a viabilidade e implementação das práticas de cuidado com o recém-nascido em comunidades de Uganda.	Estudo qualitativo exploratório.	Entrevistas e a técnica do grupo focal.	Composta por apro- ximadamente 100 participantes (6 entrevistas a par- teiras e 9 grupos focais de discussão compostos por 10-15 mães, cuida- dores e familiares), selecionados propositalmente nas comunidades de Kayunga, Soroti e Ntungamo.	População não caracte- rizada. Os distritos de Ntungamo e Soroti apre- sentam pouca assistência especializada para o parto e altas taxas de mortalidade. A região leste apresenta os índices mais baixos de riqueza e o histórico de insurgência política.

Continúa

Continuación

Autor (es)/ Ano	País	Título	Objetivos	Tipo de estudio	Instrumentos	Amostra	Características So- ciodemográficas da amostra estudada
Huang et al. (2012)	Estados Unidos de América	The significance of breastfeeding to incarcerated pregnant women: an exploratory study.	Investigar os conhecimentos, crenças e experiências de mulheres grávidas encarceradas em Nova York, relacionadas a amamentação.	Estudo qualitativo e exploratório.	Entrevistas semiestruturada e Questionário.	20 mulheres grávidas com idade acima de 18 anos.	45% eram negras, 35% hispânicas e 20% de outras origens raciais e étnicas; 60% tinham idade entre 20-34 anos; 32% tinham frequentado a escola secundária; 35% tinham um companheiro e 30% eram casadas; 53% não tiveram cuidados pré-natais; 75% tinham outros filhos.
Jama et al. (2017)	África do Sul	Enablers and barriers to success among mothers planning to exclusively breastfeed for six months: a qualitative prospective cohort study in KwaZulu-Natal, South Africa.	Explorar os facilitadores e barreiras que podem influenciar a amamentação exclusiva nos seis primeiros meses em KwaZulu-Natal.	Estudo de coorte longitudinal e qualitativo.	Entrevistas e Questionário.	22 mães (12 rurais e 9 urbanas), incluindo mulheres adolescentes, trabalhadoras e HIV positivas.	40.9% tinham idade acima de 27 anos e 31.8% entre 15-19 anos; 63% estudaram até o ensino médio; 13.6% tinham trabalho remunerado; 72.7% realizaram 4-8 visitas pré-natais. 9 mães residiam na zona rural e 7 na zona urbana. A área rural é caracterizada por altas taxas de analfabetismo, pobreza e falta de acesso a serviços de saúde. Enquanto a zona urbana apresenta assentamentos formais com mais acesso a serviços de saúde.
Rossen et al. (2017)	Austrália	Maternal Bonding through Pregnancy and Postnatal: Findings from an Australian Longitudinal Study.	Descrever o vínculo materno durante a gravidez e no pós-parto e examinar a qualidade do vínculo com base nos fatores sociodemográficos e psicossociais.	Estudo de coorte longitudinal e qualitativo	Entrevistas, Questionário, Maternal Antenatal Attachment Scale (MAAS) e, Maternal Postnatal Attachment Scale (MPAS).	372 mulheres grávidas, incluindo mulheres de clínicas especializadas e álcool e drogas.	59% eram australianas; com idade entre 18-49 anos; 67% estudaram até o ensino superior; 49% trabalhavam em tempo integral 40% estavam na primeira gravidez.
Cook et al. (2021)	Reino Unido	Improving support for breastfeeding mothers: a qualitative study on the experiences of breastfeeding among mothers who reside in a deprived and culturally diverse community	Investigar as experiências das mães de amamentação e o acesso aos serviços de amamentação oferecidos localmente entre uma comunidade carente e culturalmente diversa.	Estudo qualitativo.	Entrevista e a técnica do grupo focal.	63 mães residentes em Luton	17 eram de etnia polonesa; 15 africana; 13 paquistanesa; 10 bengali e 8 brancas britânicas. Tinham idade entre 21 e 45 anos; Luton é apenas uma das três cidades do Reino Unido com uma população britânica branca de menos de 50%. É uma comunidade etnicamente diversificada, com prevalência de população de não brancos (negros, poloneses e caribenhos). Etnias principais do Paquistão e Bangladesh; Religião: Muçumana.

Fonte: Os autores.

Em relação aos resultados dos artigos selecionados, percebe-se a gama de elementos envolvidos na amamentação.

Dentre esses elementos encontra-se: (a) dificuldade em manter a amamentação exclusiva, ou seja, fatores

materno-infantis, retorno ao trabalho/escola e pressão de familiares são barreiras encontradas para a manutenção da amamentação exclusiva (Cook et al., 2021; Jama et al., 2017); (b) as expectativas em relação a amamentação em geral eram positivas (Huang et al., 2012; Jama et al., 2017); (c) dificuldade ou insatisfação com a amamentação (Cook et al., 2021; Rossen et al., 2017) e (d) as principais barreiras, foram: perda de suporte social e cultural, pressão de familiares para introdução de alimentos, separação do bebê e dor ao amamentar (Cook et al., 2021; Huang et al., 2012; Jama et al., 2017).

Dos artigos selecionado, apenas um estudo (Rossen et al., 2017) teve como foco principal de investigação o vínculo mãe-bebê, demonstrando que a qualidade e intensidade do vínculo no pré-natal continuaria no vínculo pós-natal, podendo ser influenciado pela idade materna, tempo de trabalho, presença de outras crianças, problemas na amamentação e choro do bebê. Nos demais estudos (Cook et al., 2021; Huang et al., 2012; Jama et al., 2017) o apego foi descrito como uma forte ligação entre a mãe e o bebê, tendo o seu significado ligado à amamentação. Por outro lado, um estudo (Byaruhanga et al., 2011) observou

que a prática do contato pele a pele, que favorece a criação de apego, foi desestimulada na população estudada. E em outro estudo (Huang et al., 2012) houve uma ambiguidade, isto é, ao mesmo tempo que a separação era vista como um desafio da amamentação, também havia uma preocupação de que as crianças se tornassem muito apegadas dificultando a separação no período do desmame.

No que se refere à cultura, três estudos ((Byaruhanga et al., 2011; Cook et al., 2021; Jama et al., 2017) ressaltam a importância das tradições culturais e das opiniões de familiares e/ou comunidade para a continuidade de determinadas práticas que impactam no vínculo mãe-bebê. Um estudo (Huang et al., 2012) investigou mulheres retiradas do seu contexto social e cultural e observou que todas recebiam o apoio de sua comunidade. E no estudo desenvolvido por Rossen e colaboradores (2017) que avaliou duas populações distintas, foi observado que alguns fatores sociodemográficos e psicossociais podem estar relacionados a uma ligação menos fortalecida do vínculo após o nascimento do bebê.

Os principais resultados foram descritos na Tabela 2.

Tabela 2

Apresentação e comparação dos principais resultados e conclusões dos artigos selecionados.

Autor (es)/Ano	Amamentação	Apego	Cultura	Conclusões
Byaruhanga et al. (2011)	O contexto sociocultural do início precoce da amamentação estava em acordo com as práticas recomendadas.	O contato pele-a-pele era desestimulado pelo medo da transmissão de doenças.	O banho é uma prática comum, devido a crença de que o bebê está sujo ao nascer, devendo ser limpo para garantir o seu bem-estar. O banho em bebês com misturas de ervas é mais comum nas áreas de Kayunga e Ntungamo. A opinião de companheiros, parentes e da própria sociedade influencia na continuidade de certas práticas.	Os cuidados com o recém-nascido podem ser implementados na comunidade e serem aceitas algumas práticas baseadas em evidências, processo que poderia ser facilitado com o envolvimento de outros cuidadores do recém-nascido.

Continúa

Continuación

Autor (es)/ Ano	Amamentação	Apego	Cultura	Conclusões
Huang et al. (2012)	<p>O planejamento em amamentar está relacionado a melhores práticas maternas: prover, proteger e vínculo. A amamentação era valorizada como forma de sustentar a saúde física dos bebês. A amamentação apoia o senso de autoestima das mulheres porque elas se consideram a única mãe de seus filhos.</p>	<p>A separação do bebê é vista como um desafio para a amamentação. Ao mesmo tempo, há uma grande preocupação de que a amamentação torne os filhos "muito apegados", dificultando a separação e o desmame. Para esta população a amamentação é uma forma natural de se relacionar com a criança, ou seja, de criar vínculo.</p>	<p>Não é definida. Associada a local do estudo, uma vez que as mulheres são removidas do seu contexto social e cultural, e consequentemente do seu suporte social. Todas afirmaram receber educação e suporte da comunidade, anterior, com relação a amamentação.</p>	<p>Para este grupo de mulheres, a amamentação representa uma boa maternidade, é a escolha ideal de alimentação e contribui para o estabelecimento de um relacionamento estreito com o filho. Sugere-se a incorporação de meios alternativos de promoção do vínculo mãe-bebê para mulheres com contraindicações à amamentação.</p>
Jama et al. (2017)	<p>Apenas 5 mães praticaram a amamentação exclusiva e 17 mães deram alimentos e/ou sólidos antes dos seis meses de vida. As barreiras identificadas foram: (1) sistema de saúde: prática de utilizar alimentos pré-lácteo na ausência/impossibilidade da amamentação e orientações inadequadas para o apoio a amamentação; (2) fatores maternos-infantis: amamentação como cansativa, percepção de que a amamentação era insuficiente para alimentar o bebê e constrangimento em amamentar em público; (3) fatores sociais: as mães eram pressionadas pela família a introduzir outros alimentos; e (4) o retorno à escola ou trabalho. O sucesso na amamentação exclusiva foi relacionado a autoeficácia, compromisso e a determinação em amamentar.</p>	<p>A amamentação era incentivada como criadora do amor entre mãe e bebê. Para algumas mães, o significado ligado a amamentação seria a formação de um vínculo duradouro com o bebê.</p>	<p>O desmame precoce e a introdução de outros alimentos antes dos seis meses são práticas comuns entre mães na África do Sul. A pressão familiar e retorno ao trabalho/escola, assim como uma orientação inadequada podem ser uma barreira a amamentação.</p>	<p>Observaram que as participações apresentam muitas barreiras com relação a amamentação exclusiva. As pressões sociais e verbais parecem ter grande influência na amamentação. Além disso, ressalta-se a importância do treinamento dos profissionais de saúde para apoio da amamentação.</p>
Rossen et al. (2017)	<p>75,3% das entrevistadas relataram um ou mais problemas para amamentar.</p>	<p>Demonstraram, com base no escore da escala MAAS, fortalecimento em qualidade e intensidade no vínculo mãe-feto durante o período gestacional. A qualidade do vínculo pré-natal serve de prelúdio para o vínculo pós-natal. Os fatores demográficos e pós-natais que interferem no fortalecimento do vínculo pós-natal foram a idade materna, tempo de trabalho, outras crianças, problemas na amamentação e choro do bebê.</p>	<p>Não é descrita. Elucida a presença de população australiana e indígenas.</p>	<p>Observou-se que a maior qualidade e fortalecimento da ligação no pré-natal há uma melhor ligação no pós-natal. Adicionalmente, alguns fatores sociodemográficos e psicossociais estão relacionados ao estabelecimento de um vínculo menos fortalecido após o nascimento do bebê, ressaltando-se a importância e influência dos profissionais de saúde no apoio ao aleitamento materno.</p>
Cook et al. (2021)	<p>A decisão de amamentar foi tomada durante a gestação. As principais barreiras para a amamentação exclusiva foram: falta de leite, baixo ganho de peso, percepção de maior contentamento do bebê com fórmula e falta de sono. Mães inglesas e polonesas relataram insatisfação com a amamentação relacionada a dor.</p>	<p>Para as mães negras do sul da Ásia os benefícios da amamentação estavam centrados no apego.</p>	<p>Não é definida. Mães do sul da Ásia recebiam um doce tradicional chamado "Panjiri", pois acredita-se que o doce estimule a produção do leite por tornar a mãe "maior". Todas as mães relataram a importância das tradições culturais para a continuidade da amamentação e/ou uso da mamadeira.</p>	<p>Destaca-se a importância de implementação de programas e intervenções voltadas na diminuição das desigualdades na amamentação, fornecendo apoio prático às mães durante toda a jornada da amamentação. Adicionalmente, distingue-se a necessidade de serviços personalizados para apoiar comunidades diversas que reconhecem diferentes práticas tradicionais e familiares.</p>

Fonte: Os autores.

D

Discussão

O estudo do binômio mãe-bebê é de ampla relevância para a compreensão do processo de construção dessa relação. Eventualmente, aspectos direcionados ao apego e a amamentação podem interferir de forma positiva ou negativa nesta relação, embora alguns desses fatores possam estar ligados ao ambiente e a cultura no qual a mãe esteja inserida.

Cabe indicar que todos os estudos selecionados na presente pesquisa buscam compreender especificidades do vínculo mãe-bebê utilizando o método qualitativo, o qual objetiva o aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas, permitindo o contato direto entre o investigador e a população de estudo, respeitando e valorizando a subjetividade (Mussi, Mussi, Assunção & Nunez, 2017).

Em relação a amamentação, Victora et al. (2016) realizaram um estudo epidemiológico sobre a importância da amamentação em 127 países de baixa e média renda e 37 países de renda alta, por meio de revisão sistemática e metanálises. Neste estudo, os indicadores de amamentação foram correlacionados com a renda do país, permitindo observar que nos países de baixa e média renda, as taxas de início da amamentação precoce e prevalência da amamentação exclusiva foram baixas (63% até 6 meses; 37% entre 6-23 meses). Já nos países que possuem alta renda a prevalência de amamentação foi baixa (< 20%) e a duração da amamentação é mais curta do que

naqueles com poucos recursos. O estudo evidenciou benefícios para a criança e à mãe associados à amamentação, tais como indicadores de proteção da saúde infantil e da mãe.

Deste modo, observa-se a importância da adequação das estratégias de apoio ao aleitamento materno as realidades de cada país.

No que se refere a cultura, nota-se que em regiões rurais e/ou com pouco acesso a serviços de saúde as crenças e valores culturais assumem um importante papel nas práticas a serem seguidas e continuadas pelas mães. De certa forma, os valores culturais permitem as mães uma sensação de pertencimento e segurança, por outro lado pode criar estigmas e dificultar a adoção de práticas promotoras do bem-estar materno-infantil. Um desses estigmas é elucidado no estudo de Byaruhanga et al. (2011) no qual o contato íntimo pele-a-pele é desestimulado devido a crenças culturais. Um outro exemplo é descrito por Mchome, Bailey, Kessy, Darak, y Haisma (2020) no qual a população de Morogoro, na Tanzânia, acredita que o baixo crescimento infantil está associado a não abstinência sexual no pós-parto (norma cultural), o que gera um sentimento de culpa sobre a mãe.

Com relação ao apego, dentre os estudos selecionados, apenas um estudo (Rossen et al., 2017) abordou o tema do apego utilizando como instrumento de coleta a escala “Maternal Escala de Fixação pré-natal” (MAAS) e a “Escala de apego materno pós-natal” (MAPAS). Neste estudo foi observado que a qualidade e intensidade do vínculo mãe-bebê aumentaria durante o pré-natal, podendo ser influenciado por fatores psicossociais

e sociodemográficos, além disso, os resultados mostram a consistência do vínculo durante a gravidez até o pós-natal. Esse achado está de acordo com o estudo de Piccinini et al. (2004) que evidencia a busca dos pais por interagir e dar mais identidade ao bebê durante o período gestacional, além disso, durante esse período já é possível observar um vínculo forte com base nas expectativas e sentimentos sobre o bebê idealizado, os sentimentos criados permaneceram após o nascimento (Borsa, 2007).

A respeito da relação entre o apego e amamentação, os achados sugerem uma influência entre ambos, no qual à amamentação assumiria uma posição de promotora para o apego. Durante a amamentação ocorre o contato físico entre a mãe-bebê, esse contato é um dos promotores do vínculo e da amamentação. Segundo Moore, Bergman, Anderson e Medley (2016) o contato íntimo pele-a-pele invoca neuro comportamentos que estimulam a satisfação das necessidades biológicas, além disso, observou que crianças que utilizavam o contato pele-a-pele apresentavam parâmetros fisiológicos melhores e eram mais propensas a serem amamentadas por mais tempo.

No entanto, para Britton, Britton e Gronwaldt (2006) a amamentação não apresenta relação direta com o vínculo mãe-bebê, sendo a qualidade da interação mãe-bebê durante a infância, preditor do apego-seguro independentemente do tipo alimentação adotado. Isto é, a amamentação apresenta uma relação indireta com o apego, sendo mediada pela sensibilidade materna. Assim, eles relatam que as mães que optaram pela amamentação eram mais responsivas aos

sinais dos bebês e, conseqüentemente, promoviam o apego seguro.

No tocante ao tema apego e cultura a ausência de estudos pode ser explicada, em tese, pelos referenciais teóricos utilizados nesses estudos. Como apresenta Ribas e Moura (2004) em sua revisão de literatura sobre os estudos transculturais sobre responsividade materna e a teoria do apego. As discussões críticas sobre o tema, demonstram as divergências dos estudiosos sobre a importância dos estudos transculturais para a teoria do apego. Mas, os discursos demonstram a necessidade de se analisar criticamente a teoria do apego em diferentes contextos culturais, uma vez, que o comportamento cultura, por exemplo, no Japão não será igual ao comportamento nos Estados Unidos.

Assim, no que se refere a amamentação e cultura deve-se reconhecer que o significado atribuído ao aleitamento materno está diretamente relacionado aos comportamentos aprendidos e compartilhados dentro do seu contexto cultural, além disso, podem ser herdados inúmeros mitos, crenças e hábitos. Neste sentido, Cremonese et al. (2016) afirma que o processo de amamentação está ligado aos significados culturais atribuídos a ela é não a fatores biológicos em si. Essas influências podem estar ligadas ao meio social (família, amigos, profissionais de saúde) ou a características herdadas (crenças, costumes etc.) e/ou vivenciadas (prática, experiência etc.). Desta forma, a compreensão e valorização desses elementos permite entender o comportamento da mãe frente aos desafios de amamentar, devendo ser incorporadas às práticas profissionais de promoção ao aleitamento materno.

C onclusão

Esta revisão de literatura, em base de dados científicos, buscou dar subsídios para a compreensão de como ocorre as ligações entre amamentação, apego e cultura. Os resultados descritos permitem inferir a existência de uma influência entre esses fatores, uma vez que o mundo empírico do bebê e da mãe não podem ser separados, apesar de serem abordados separadamente nos estudos. Observa-se que a cultura apresenta uma forte influência no comportamento materno, o que pode ser benéfico como, por exemplo, na propagação de saberes sobre o cuidado infantil; ou adverso como na crença do leite fraco, por exemplo. Entretanto, nota-se ausência de estudos da América Latina dessa natureza. Assim, embora a produção científica sobre a temática da amamentação e do apego é ampla, cabe aqui a reflexão de como esses estudos têm abordado essas temáticas, desprovidos da análise da perspectiva cultural.

Com isso, percebe-se a escassez de estudos sobre o tema, surgindo a necessidade de novas pesquisas que explorem a associação entre amamentação, apego e cultura, enfatizando nos fatores sociodemográficos e psicossociais visando detectar recursos que favoreçam a elaboração de intervenções mais eficazes e na elaboração de políticas públicas de promoção e proteção ao aleitamento materno.

R eferências

- Álvarez, S., Hidalgo, N. U., Morán, M. D., & Reyes, R. A. (2019). Factores que inciden en el apego seguro. *PsicoEducativa: Reflexiones y Propuestas*, 5(9), 8-12. Recuperado de <https://psicoeducativa.iztacala.unam.mx/revista/index.php/rpsicoedu/article/view/102>
- Boehs, A. E., Monticelli, M., Wosny, A. M., Heidemann, I. B. S., & Grisotti, M. (2007). A interface necessária entre enfermagem, educação em saúde e o conceito de cultura. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 16(2), 307-314. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072007000200014>.
- Borsa, J. C. (2007). Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério. *Revista Contemporânea Psicanálise e Transdisciplinaridade*, (2), 310-321. Recuperado de <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo89.pdf>.
- Bowlby, J. (2015). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. Tradução Álvaro Cabral. (5. ed.). Martins Fontes.
- Britton, J. R., Britton, H. L., & Gronwaldt, V. (2006). Breastfeeding, sensitivity, and attachment. *Pediatrics*, 118(5), 1436-1443. <https://doi.org/10.1542/peds.2005-2916>.
- Byaruhanga, R. N., Nsungwa-Sabiiti, J., Kiguli, J., Balyeku, A., Nsabagasani, X. & Peterson, S. (2011). Hurdles and opportunities for newborn care in rural Uganda. *Midwifery*,

- 27(6), 775-80. <https://doi.org/10.1016/j.midw.2010.02.005>.
- Cook, E.J., Powell, F., Ali, N., Penn-Jones, C., & Randhawa, G. (2021). Improving support for breastfeeding mothers: a qualitative study on the experiences of breastfeeding among mothers who reside in a deprived and culturally diverse community. *International Journal for Equity in Health*, 20(92), 1-14. <https://doi.org/10.1186/s12939-021-01419-0>.
- Cremonese, L., Wilhelm, L., Prates, L., Possati, A., Scarton, J., & Ressel, L (2016). A decisão de amamentar durante a adolescência: um estudo na perspectiva cultural. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 6(3), 317-326. <https://doi.org/10.5902/2179769219248>.
- Dalbem, J. X. & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12-24. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Hitos, S. F., & Periotto, M. C. (2009). *Amamentação – Atuação fonoaudiológica: Uma abordagem prática e atual*. (1. ed). Revinter.
- Huang, K., Atlas, R., & Parece, F. (2012). The significance of breastfeeding to incarcerated pregnant women: an exploratory study. *Birth*, 39(2), 145-155. <https://doi.org/10.1111/j.1523-536x.2012.00528.x>
- Jama, N. A., Wilford, A., Masango, Z., Haskins, L., Coutsoudis, A., Spies, L., & Horwood, C. (2017). Enablers and barriers to success among mothers planning to exclusively breastfeed for six months: a qualitative prospective cohort study in KwaZulu-Natal, South Africa. *International Breastfeeding Journal*, 12(1), 1-13. <https://doi.org/10.1186/s13006-017-0135-8>
- Langdon, E. J., & Wiik, F. B. (2010). Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18(3), 459-466. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692010000300023>.
- Mchome, Z., Bailey, A., Kessy, F., Darak, S., & Haisma, H. (2020). Postpartum sex taboos and child growth in Tanzania: Implications for child care. *Maternal & Child Nutrition*, 16(4), e13048. <https://doi.org/10.1111/mcn.13048>.
- Moore, E. R., Bergman, N., Anderson, G. C., & Medley, N. (2016). Early skin-to-skin contact for mothers and their healthy newborn infants. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 11(CD003519). Doi: 10.1002/14651858.CD003519.pub4.
- Mussi, R. F., Mussi, L. M. R., Assunção, E. T. C., Nunes, C. P. (2019). Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. *Revista Sustinere*, 7(2), 414-430. <https://doi.org/10.12957/sustinere.2019.41193>
- Nelas, P. A., Ferreira, M., & Duarte, J. C. (2008). Motivação para a Amamentação: construção de um instrumento de medida. *Revista Referência*, 2(6), 39-56. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388239953005>.
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Moreira, L. E., & Lopes, R. S. (2004). Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*,

- 20(3), 223-232. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000300003>.
- Ribas, A. F. P., & Moura, M. L. S. (2004). Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 315-322. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300004>.
- Rossen, L., Hutchinson, D., Wilson, J., Buenos, L., Allsop, S., Elliot, E. J., Jacobs, S., Macdonald, J. A., Olsson, C., & Matrícula, R. P. (2017). Maternal bondinho through pregnant and postnatal: findings from an Australian longitudinal study. *American Journal of Perinatology*, 34(8), 808-817. <https://doi.org/10.1055/s-0037-1599052>.
- Schmidt, E. B., & Argimon, I. I. L. (2009). Vinculação da gestante e apego materno fetal. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 19(43), 211-220. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2009000200009>.
- Victora, C. G., Barros, A. J., França, G. V., Bahl, R., Rollins, N. C., Horton, S., Krasevec, J., Mursh, S., Sankar, M. J., & Walker, N. (2016). Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos e efeitos ao longo da vida. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 25(1), 1-24. <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v25n1/Amamentacao1.pdf>.